



## **DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NO MUNDO RURAL BRASILEIRO: ESBOÇO DE REFLEXÕES PRELIMINARES**

### **SEXUAL AND GENDER DIVERSITY IN THE RURAL BRAZILIAN WORLD: DRAFT PRELIMINARY REFLECTIONS**

**Fabiano de Souza Gontijo\***

Pós Doutor em Antropologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Professor da Universidade Federal do Piauí  
E-mail: [fgontijo2@hotmail.com](mailto:fgontijo2@hotmail.com)  
Teresina, Piauí, Brasil

---

\*Endereço: Fabiano de Souza Gontijo  
Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Ciências Sociais. Ininga,  
CEP: 64.049-550, Teresina/PI, Brasil

**Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho**

**Artigo recebido em 10/02/2013. Última versão recebida em 08/03/2013. Aprovado em 09/03/2013.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Apoio e financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq**

## RESUMO

Com este artigo, será iniciada uma reflexão sobre a persistência da (quase) inexistência de pesquisas nas Ciências Sociais brasileiras sobre a experiência da diversidade sexual no mundo rural tanto no âmbito dos estudos rurais, quanto no âmbito dos estudos sobre gênero e sexualidade no Brasil contemporâneo. Apesar da persistência da inexistência de estudos sobre o assunto, será apresentada a trajetória biográfica de uma jovem travesti que vive num assentamento rural privado no Piauí.

**Palavras-chave:** estudos rurais; estudos de gênero e sexualidade; diversidade sexual; Brasil.

## ABSTRACT

This article presents some reflections on the persistent lack of researches in Social Sciences about the experience of the sexual diversity in rural Brazil, both in rural studies, as in gender and sexuality studies. Despite the persistent lack of studies on this subject, we will present the biography of a young transvestite that lives in a private rural settlement in Piauí.

**Keywords:** rural studies; gender and sexuality studies; sexual diversity; Brazil.

## Diversidade Sexual e de Gênero no Mundo Rural Brasileiro

Trata-se aqui de apresentar algumas reflexões preliminares sobre a diversidade sexual e de gênero no contexto rural brasileiro, a partir, em particular, das experiências e vivências no interior do estado do Piauí, na região Nordeste do Brasil.

Em 2006, uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado em Antropologia, defendidas respectivamente na Universidade de São Paulo e na Universidade de Brasília, trataram, com abordagens diferentes, de aspectos relativos à temática da sexualidade no mundo rural brasileiro<sup>1</sup>. A tese de Silvana de Souza Nascimento e a dissertação de Paulo Rogers Ferreira partiram da denúncia da (quase total) ausência de pesquisas sobre sexualidade no âmbito dos estudos rurais<sup>2</sup>. A tese de Nascimento, intitulada “Faculdades Femininas e Saberes Rurais. Uma Etnografia sobre Gênero e Sociabilidade no Interior de Goiás”, tratou das relações de gênero no mundo rural levando-se em consideração a experiência da vivência das sexualidades, ao passo que a dissertação de Ferreira, intitulada “Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sociedades camponesas”, tratou mais especificamente da experiência das sexualidades no interior do Ceará<sup>3</sup>.

Os trabalhos de Nascimento e Ferreira vêm servindo de inspiração para nossas indagações sobre a experiência das sexualidade no mundo rural piauiense<sup>4</sup>. Aqui, vamos confirmar a leitura crítica que ambos os autores fazem dos estudos rurais brasileiros,

---

<sup>1</sup> Agradecemos a generosidade dos Profs. May Waddington Telles Ribeiro (Departamento de Ciências Sociais-DCIES, Universidade Federal do Piauí-UFPI), Jaqueline Pereira de Sousa (Campus de Parnaíba/UFPI) e João Miguel Sautchuk (DCIES/UFPI) ao tecer comentários preciosos sobre as idéias norteadoras desse paper. Devemos agradecimentos especiais à Profa. Eli de Fátima Napoleão de Lima (Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade-CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ), supervisora de nosso estágio de pós-doutorado, pelas dicas, e ao doutorando Rafael Gaspar (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia-PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ) pelas sugestões de leitura e até mesmo de interpretação. Enfim, agradecemos ao CNPq pela bolsa de Produtividade em Pesquisa e pelos recursos do Edital Universal 2009.

<sup>2</sup> Entende-se por estudos rurais o conjunto de textos oriundos de pesquisas realizadas no contexto das ruralidades ou do mundo rural e que se servem de um aparato teórico-metodológico das ciências sociais e humanas. Maria José Carneiro fala de ruralidades, no plural, como representações sociais que orientam “(...) práticas sociais distintas em universos culturais heterogêneos, num processo de integração plural com a economia e a sociedade urbano-industrial.” (1998, p. 12) ou “como um processo dinâmico em constante reestruturação dos elementos da cultura local, mediante a incorporação de novos valores, hábitos e técnicas” (2008, p. 35).

<sup>3</sup> Na década de 1990, artigos de Ellen e Klaas Woortmann (1993, 1995) já atentavam para a sexualidade no mundo rural, embora esse não fosse o foco dos estudos, como apontado pelo próprio Ferreira em 2006.

<sup>4</sup> A dissertação de mestrado de Luanna Mirella, intitulada “Localidade ou Metrópole? Demonstrando a capacidade de atuação política das travestis no mundo-comunidade”, defendida em 2010 junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, sob a orientação de Rita Laura Segato, apresenta a trajetória biográfica de Kátia Tapety, travesti que exerceu cargos políticos em um pequeno município rural piauiense, mas não se trata especificamente de uma pesquisa sobre a sexualidade de travestis no mundo rural brasileiro.

acrescentando-se a insinuação sobre as inúmeras lacunas e a quase total ausência da vivência sexual dos camponeses nos estudos de gênero e sexualidade<sup>5</sup> e esboçaremos um início de discussão sobre os efeitos dessas críticas, lacunas e ausências nas Ciências Sociais brasileiras<sup>6</sup>, após apresentar, a título de ilustração, a trajetória biográfica de uma travesti que vive num assentamento rural privado no interior do Piauí.

A pesquisa que nos levou à produção desse texto se insere no âmbito das atividades relativas à vigência do convênio firmado entre o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAArq) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e o Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O convênio se insere no Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – Ação Novas Fronteiras (PROCAD-NF) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Um projeto de pesquisa bastante amplo, geral, abarca os diversos projetos de pesquisa individuais dos professores/pesquisadores integrantes do convênio<sup>7</sup>. Esse projeto de pesquisa geral trata dos mais diversos tipos de impactos culturais locais de diferentes propostas de desenvolvimento econômico em curso no Piauí, notadamente aquelas ligadas à sojicultura, à apicultura, à celulose e, enfim, à produção de biodiesel.

No âmbito do projeto geral, ficamos encarregados de analisar, particularmente, as configurações familiares, as composições conjugais e os arranjos parentais, por um lado, e, por outro lado, as relações de gênero – e também as práticas sexuais – que estão na base

---

<sup>5</sup> Entende-se por estudos de gênero e sexualidade o conjunto de textos oriundos de pesquisas realizadas em contextos sociológicos e antropológicos diversos, retratando a construção social e a formulação cultural não somente das relações e estruturas de gênero (ver ROSALDO et alii, 1979; SCOTT, 1995; BUTLER, 2003), mas também das diferenças sexuais (ver VANCE, 1995; HEILBORN, 1999; CARRARA e SIMÕES, 2007); estudar a diversidade sexual e de gênero aparece como uma maneira de interpelar a “analítica da normalização” (MISKOLCI, 2009), ou seja, a forma como as fronteiras da diferença são constituídas ou a maneira como se dá a construção de um(uns) padrão(ões) – “heterossexualidade compulsória” ou “padrão heteronormativo” (RICH, 1983; BUTLER, 2003) – que regula(m) a vida dos sujeitos em suas práticas cotidianas (JAGOSE, 1996).

<sup>6</sup> Antes de prosseguir, cabe um esclarecimento sobre o uso que fazemos aqui da categoria *camponês*. Sem entrar no acalorado debate sobre definições, entendemos o camponês como o sujeito “múltiplo” que vive nas zonas rurais (ainda que, muitas vezes, a zona rural não seja definida pelo próprio sujeito que ali vive, mas por instâncias administrativas e governamentais ou até mesmo não-governamentais). Esse sujeito é “múltiplo”, pois sua construção identitária não pode mais ser reduzida a uma ou duas de suas atividades, geralmente entendida/s como econômica/s. A partir do texto de Kearney de 1996 – e também do de Brunt de 1992 –, falaremos de camponês (e não de “polybian”, como o faz Kearney) como um sujeito vinculado a múltiplos processos sociais, estratégias econômicas, dinâmicas de poder e, enfim, lógicas de diferenciação cultural que marcam sua presença no mundo – é assim que os sujeitos que temos encontrado no interior do Piauí vêm se mostrando.

<sup>7</sup> O projeto se intitula “Dinâmicas Sociais e Ruralidades Contemporâneas: Análise dos Impactos Culturais Locais de Diferentes Propostas de Desenvolvimento Econômico no Piauí (Apicultura, Soja, Biodiesel e Celulose)”.

dessas configurações, composições e arranjos, tendo como contexto as situações sociais geradas pelas (novas) ruralidades contemporâneas<sup>8</sup>.

Um novo direcionamento foi dado ao projeto inicial a partir de conversas com uma estudante da primeira turma do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, Maria Elza Soares da Silva, que vinha estudando os “parceiros” (termo usado pelos camponeses em questão) envolvidos no projeto de “assentamento rural privado” (termo oficial) da Fazenda Santa Clara, na região do semi-árido piauiense, no Centro-Sul do estado. A estudante encontrou, em sua “etnografia da terra prometida”<sup>9</sup>, famílias de “tipos” bastante diversificados, que dificilmente se encaixam nos modelos tradicionais de famílias rurais descritas pela vasta literatura existente nas Ciências Humanas brasileiras (e estrangeiras) sobre o assunto (ver, sobre esse assunto, WOORTMANN, 1995).

Apesar de não ser o foco da pesquisa da estudante, ela se deparou, no convívio com a comunidade estudada, com o caso de uma travesti (que chamaremos aqui de Vanessa) que exercia certa influência na gestão política dos conflitos na comunidade. E o mais interessante era o fato de que, aparentemente, a travesti em questão não seria alvo de forte preconceito por parte de homens e mulheres da comunidade, fossem eles, de um lado, parceiros ou, de outro, empregados da administração da empresa gestora do empreendimento de assentamento. Esse fato foi confirmado por outra estudante da segunda turma do mesmo curso, que também se interessou pela Fazenda Santa Clara, Joyce Kelly da Silva Oliveira<sup>10</sup>, mais especificamente pela relação, muitas vezes conflituosa, entre parceiros e administradores.

A partir dessas conversas e da visita à Fazenda Santa Clara, decidimos dar ênfase, em nossas pesquisas, aos “desvios e divergências” (VELHO, 1985) relativos às construções identitárias no mundo rural – em particular, no que diz respeito à diversidade sexual e de gênero – para apreender os significados das relações sociais mais amplas vigentes nesse contexto contemporâneo de grandes transformações sociais e culturais – aqui marcadas pela implantação da lógica do agronegócio no Piauí. A pesquisa voltou-se, assim, para a maneira

---

<sup>8</sup> O projeto se intitula “Campos de Desejos: Família, Gênero e Sexualidade no Mundo Rural Piauiense” e contou, de 2010 a 2012, com recursos do Edital Universal/2010 e de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e com uma bolsa de Iniciação Científica do mesmo órgão de fomento para a aluna Francisca Célia da Silva Costa. A pesquisa se insere nas atividades do grupo de pesquisa Sexualidades, Corpo e Gênero (SEXGEN), liderado por nós.

<sup>9</sup> A dissertação de mestrado da estudante teve por título “Etnografia da Terra Prometida: trajetórias sociais, conflitos e cotidiano dos/as camponeses/as parceiros/as da *Brasil EcoDiesel* – O caso da Fazenda Santa Clara, no Piauí” e foi defendida em março de 2011.

<sup>10</sup> A dissertação de mestrado da estudante teve por título “Fazenda Santa Clara: encontros e desencontros entre camponeses/parceiros e a Brasil Ecodiesel em um assentamento rural privado no sul do Piauí” e foi defendida em agosto de 2012.

como os “padrões hegemônicos de normalidade” (BUTLER, 2003) são (re)interpretados e experimentados (talvez às avessas) em contextos culturais distintos, criando *novos* ou *outros* sujeitos imbuídos de *novas* ou *outras* moralidades e (até mesmo) constituindo *novas* ou *outras* legalidades.

Após algumas viagens ao interior do Piauí (regiões Centro-Sul e Norte do estado) para conversar com sujeitos cujas trajetórias de vida não se encaixavam exatamente naquilo que vínhamos lendo, por um lado, sobre aquele camponês tal qual tratado pelos estudos rurais, e, por outro lado, sobre identidades e transgressões sexuais e de gênero nos estudos de gênero e sexualidade, decidimos iniciar uma reflexão sobre o porquê (e o como) desses desencaixes ou dessas lacunas e ausências. Os primeiros resultados dessas reflexões serão expostos aqui abaixo. Antes, apresentaremos a trajetória biográfica de Vanessa (pseudônimo).

Nossas incursões pelo mundo rural piauiense começaram pela Fazenda Santa Clara, situada na chamada “região do semi-árido” do estado. A Fazenda Santa Clara foi chamada oficialmente de “assentamento rural privado”, empreendimento realizado para servir de modelo sustentável de exploração da terra no Brasil, entre os municípios de Canto do Buriti e Elizeu Martins, a cerca de 360km de Teresina. No início do Governo do Presidente Lula, uma grande área na região do semi-árido do Piauí, propriedade do estado, foi oferecida à então recém-criada empresa carioca Brasil Ecodiesel Indústria e Comércio de Biocombustíveis e Óleos Vegetais S.A. para o estabelecimento de um assentamento privado que teria por objetivo a produção de biocombustível à base de mamona (SILVA, 2011; OLIVERA, 2012).

No empreendimento, criado em 2004, foram assentadas mais de 600 famílias, dispostas em 21 células circulares (nomeadas por letras do alfabeto) compostas por 35 famílias/casas cada uma, em volta de um núcleo administrativo central (onde se encontram, além dos escritórios e moradias dos técnicos e administradores, um posto de saúde, uma escola de ensinos infantil, fundamental e médio, um centro de artes, três bares, dois mercados, um salão de beleza, uma oficina para bicicletas e motos, dentre outras facilidades oferecidas pela empresa).

Cada família recebeu nove hectares, com a obrigação de dedicar oito à produção da mamona e um à produção para consumo próprio. A terra foi cedida ao morador em regime de comodato e, ao final de dez anos, seria dividida entre as famílias parceiras, que passariam, então, a ser proprietárias da terra. No entanto, as metas de produção nunca foram cumpridas e o projeto fracassou (SILVA, 2011; OLIVEIRA, 2012). Atualmente, a empresa administra a produção diversa do assentamento, à espera da data de entrega dos títulos de propriedade a

cada família. Vanessa (pseudônimo) é membro de uma das primeiras famílias assentadas na Fazenda.

Vanessa<sup>11</sup> foi batizada com o nome de Roberto (pseudônimo) no final dos anos 1980, em Manoel Emídio, uma pequena cidade do interior do Piauí, numa família de camponeses (pequenos agricultores). Tem duas irmãs e dois irmãos. Em 2000, mudou-se com a família para Colônia do Gurguéia, outra pequena cidade piauiense. Tinham casa própria, que o pai vendeu para ir para a Fazenda Santa Clara, em 2004.

Aos 9 anos, teve sua primeira relação erótica com um primo, mais velho – tratava-se de beijos e abraços, configurando-se uma relação com penetração algum tempo depois. Hoje, o primo é casado e pai, mas, por ter-se tratado do primeiro, Vanessa ainda mantém um certo carinho – e desejo – por ele.

Em 2003, Vanessa foi para Brasília, onde morou durante 7 meses. Inicialmente, na casa de uma amiga; depois, passava parte de seu tempo com uma amiga e o namorado da amiga, e outra parte, com seu namorado, um segurança de hotel. Até então, Vanessa se vestia como menino, passando a vestir-se de maneira mais feminina a partir daí, apesar de continuar usando o nome de batismo. Trabalhou numa lanchonete durante algum tempo, “*ambiente cheio de macho*”, segundo Vanessa. Saía com seu namorado “*vestida de menina*” – “*botava peruca, maquiagem, tirava sobrancelha*” – e “*eram respeitados*”.

Com saudade dos pais, deixou o namorado, sem nenhum aviso, e voltou para o Piauí. Inicialmente, foi morar com uma tia em Canto do Buriti e, em seguida, na Fazenda, com seus pais.

Na Fazenda, sentiu-se muito discriminada, principalmente na escola, já que começou também a usar roupas mais “*arrochadas*” – shorts curtos e apertados e camisetas que deixavam a barriga à mostra. Conta que adaptava o uniforme escolar aos seu desejo de ser mais feminina (principalmente quando a escola deixou de ser administrada pela Fazenda, como instituição privada, e tornou-se instituição estadual, com tudo o que isso acarretou, como a mudança de uniforme). Reagiu à discriminação sendo ríspida e “ignorante” com todo mundo, “xingando e esculhambando” todos. Se sentindo muito discriminada, evitava a escola

---

<sup>11</sup> Nosso encontro com Vanessa se deu em maio de 2011 durante um final de semana que passamos na Fazenda Santa Clara. Fomos recebidos e abrigados no núcleo da Fazenda pelos administradores (dois técnicos), a quem gostaríamos de agradecer pela acolhida. A entrevista foi realizada à noite, sentados à porta do posto de saúde. Depois da entrevista, Vanessa nos apresentou os diferentes espaços do núcleo da Fazenda e nos convidou para o ensaio da quadrilha junina. Foi a oportunidade para conhecermos diversas outras, todas moradoras da Fazenda. Antes da entrevista e no dia seguinte à entrevista, visitamos algumas células, sempre acompanhados de Maria Elza Soares da Silva, a aluna que realizou pesquisa na Fazenda entre 2010 e 2011.



e acabou adoecendo. Somente após algumas conversas com uma professora, decidiu voltar à escola, ainda que por pouco tempo.

Em maio de 2006, fugiu, “somente com a roupa do corpo”, para Brasília, para reencontrar o namorado lá deixado. Pegou um dinheiro que sua mãe havia tomado emprestado (250 reais) e, como não tinha documentos, ofereceu sexo ao cobrador e ao motorista do ônibus para que que aceitassem levá-la até Brasília, principalmente por ainda ser menor de idade. Ao chegar, descobriu que o ex-namorado tinha outra namorada, também “*traveco*” (termo usado por Vanessa), mas, ainda assim, morou um mês com ele e com a namorada. O ex-namorado pagou a passagem de volta de Vanessa e lhe deu o dinheiro necessário para que ela retribuísse à mãe.

Ao chegar à Fazenda, seu pai e seu irmão tentaram expulsá-la de casa, em vão. Ela acabou preferindo contar tudo sobre sua vida. Com a ajuda da mãe e da cunhada, seu pai e seu irmão passaram a entendê-la e a aceitá-la (termos frequentemente usados por Vanessa, “*entender*” e “*aceitar*”). A partir daí, o irmão se tornou seu melhor amigo e “*protetor*” – ela nos mostrou fotos do irmão que guardava carinhosamente em sua carteira. Ela sempre trabalhou na roça com o pai, só não sabe plantar, prefere colher – ela nos contou que trabalha na roça “*vestida de homenzinho*”. Ela passou a se assumir totalmente e a se vestir integralmente “como mulher”; adotou o nome de Vanessa após ter se empolgado com uma personagem de novela da TV Globo apresentada no programa Vídeo Show.

Mora com os pais, uma irmã e a sobrinha, ainda criança. Não se entende com a irmã que, quando a filha tinha três meses, foi viver com um homem e deixou a criança para ser criada pela avó e por Vanessa. Hoje, a criança chama Vanessa de *mãe*. Os outros quatro sobrinhos a chamam de *tia*. O pai e a irmã que moram com ela, chamam-na pelo nome de batismo, Roberto, enquanto a mãe e a outra irmã, também moradora da Fazenda, chamam-na de Vanessa. Na Fazenda, todos a chamam pelo nome feminino, mas muitos referem-se a ela pelo nome masculino, como pudemos constatar durante nossa estadia. Quando ela está presente, os empregados da administração chamam-na pelo nome feminino; quando estão reunidos entre eles, usam o nome masculino para referir-se a ela, raramente em tom jocoso; os assentados, em geral, usam o nome feminino.

Na escola, todos passaram a respeitá-la, principalmente após o intenso convívio com os colegas proporcionado pela preparação de uma peça de teatro em 2006. A montagem da peça, na Fazenda, mudou sua vida. A peça foi dirigida por um renomado diretor da Rede Globo, levado à Fazenda pelo empresário, e contava a vida de São Francisco. Vanessa fez o personagem de Cristo na peça, mas ficou encarregada também dos figurinos, maquiagem e



penteados. Um dos atores, morador da Fazenda, ficava totalmente nu na encenação, o que, segundo Vanessa, não causou espanto, nem constrangimento, à população local, já que todos estavam acostumados aos ensaios frequentes que aconteciam no núcleo da Fazenda.

Na montagem, aprendeu a ser menos rebelde e a respeitar os colegas, daí passou a ser respeitada, segundo conta – com grande frequência, Vanessa fala de “*respeito*”, geralmente associado a “*entender*” e a “*aceitar*”. E para obter respeito, (man)teve relações sexuais com todos aqueles que a criticavam, como forma de mantê-los sob controle e conquistar a confiança deles: “*assim, eles não podem falar de mim, porque todos já transaram comigo*”. Hoje, diz “*amar a todos*” e se sente “*amada por todos*”.

A peça foi encenada em diversas cidades do Piauí, mas a Fazenda não levou o projeto adiante. Atualmente, está sendo retomada, com financiamento do prefeito de Canto do Buriti e de um vereador, para ser encenada num festival em Juazeiro, Bahia. Vanessa está eufórica e conta que passa parte de seu tempo, quando não está na internet na escola (usando as redes sociais), limpando e cuidando do antigo figurino. Para ganhar algum dinheiro, faz as vezes de maquiadora e cabeleireira, além de figurinista, sobretudo no período junino, com as quadrilhas e encenações de pequenas peças (Conta também que, no ano da entrevista, 2011, uns professores e artistas locais estavam encenando uma peça para alertar a população sobre as queimadas e uma outra, que seria encenada junto com a quadrilha local, sobre os riscos da AIDS, já que se falava de um caso na Fazenda.

Quanto aos relacionamentos, o mais duradouro foi com um rapaz da Fazenda, de 17 anos, atualmente vivendo em outra região. Durou um ano e oito meses e terminou quando Vanessa soube que ele mantinha um relacionamento heterossexual com uma moça evangélica. Uma noite, bêbada, Vanessa ameaçou a amante e ele foi embora da Fazenda. Mantinha relações sexuais com o irmão do rapaz também, às escondidas. Hoje, mantém relações sexuais com diversos homens da Fazenda, em sua maioria casados. Ela conta que se senta nos bares e fica à espera, até que um ou outro lhe ofereça cerveja ou cigarro e se sente para conversar com ela. Diz que “*ninguém desconfia*”, já que as pessoas acham que se trata somente de “*amizade*” – e também porque muitos desses homens já tiveram relações sexuais com ela.

Vanessa tem trânsito livre entre as casas e bares, pois é muito querida. E pode frequentar os bares tanto para homens, como para mulheres, o que facilita seus encontros amorosos (no núcleo, dois bares são frequentados exclusivamente por homens e o terceiro, por homens e mulheres separadas). Por isso, Vanessa diz que “*ser traveco é melhor que mulher, a gente vai onde quer e ninguém impede a gente de nada! Quem termina na moita com os homens sou eu!*”

Manteve, durante algum tempo, um relacionamento com um homem casado de Colônia do Gurguéia. Ela se tornou amiga da mulher dele e ajudou a criar os três filhos dele, quando lá morou, na casa de sua tia. Conta também que ajudava a mulher a trair o marido com outros homens...

Nunca foi “ativa”, sexualmente falando, nem imagina o que seja! As relações sexuais acontecem no mato e nas moitas, nas estradas, na veredas ou nos quartos dos professores e agentes de saúde que são emprestados nos finais de semana, quando o núcleo da Fazenda se esvazia de seus moradores, que estão nas cidades da região, e seus quartos acabam servindo como espécies de motéis de fortuna.

Apesar de ir com certa frequência a Canto do Buriti para beber com as amigas, nunca tem relações com pessoas de lá, nem gosta de “frequentar as travestis da cidade”, que se prostituem nos cabarés locais e nas estradas que cortam o Piauí (Vanessa não gosta da prostituição, mas respeita as escolhas pessoais de cada um).

Ela se diz mulher e, sendo assim, sonha em ter peitos fartos, tira os pêlos com pinças e anda maquiada a qualquer hora do dia. Não quer se operar, apesar de rejeitar totalmente seu órgão masculino.

Sua família nunca foi religiosa, mas ela foi batizada na Igreja Católica. Na Fazenda, não há templos católicos, somente cultos evangélicos em algumas células e uma Assembleia de Deus próxima ao Núcleo.

Vanessa concluiu em 2011 o Ensino Médio e não sabia o que fazer depois. Diz que gostaria de trabalhar em teatro, na área de maquiagem e cabelo. Gosta da vida na Fazenda, mas pretende sair para conhecer outros lugares, nunca mais Brasília. Mas, pretende voltar para a “zona rural”, depois de passar por uma grande cidade...

Ela nos fala de um casal de “*sapatona, né, lésbicas assumidas*” que vive numa das células (não são camponesas) e de um rapaz “*provavelmente gay, pelos trejeitos e o jeito de andar, só tem colega mulher*”, seu colega de escola. Gostaria de conhecer mais gente “*como ela*”, como quando esteve em Teresina para a peça de teatro e se sentiu “*em casa*”.

Vanessa escolheu seu “nome de mulher” ao assistir a um programa de televisão, e veste-se como qualquer jovem de sua classe frequentadora dos shoppings de Teresina e tem como principal atividade de lazer o uso da internet e, em particular, das redes sociais... sem deixar de ajudar seu pai na roça e maquiagem e “fazer o cabelo” das mulheres do assentamento! Outros jovens e menos jovens moradores do assentamento têm hábitos parecidos com os de Vanessa, sobretudo no que diz respeito ao uso da internet. Durante nossa pesquisa de campo, os jovens componentes da quadrilha junina estavam assistindo, pela internet, a coreografias de

outras quadrilhas e escolhendo suas roupas a partir de modelos apresentados em sites de Festas Juninas mais badaladas (como a de Campina Grande ou a de Caruaru). O que dizem os estudos rurais, por um lado, e, por outro, os estudos de gênero e sexualidade no Brasil sobre sujeitos como Vanessa?

O trabalho de Paulo Rogers Ferreira, premiado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) em 2007, foi publicado no formato de livro em 2008, ao passo que o trabalho de Silvana de Souza Nascimento (2012) vem sendo publicado no formato de artigos em periódicos. Como já dissemos acima, em ambos os casos, aponta-se para o fato de que, nos estudos rurais, parece haver uma quase total ausência de pesquisas que tratem *especificamente* das experiências e/ou práticas sexuais no mundo rural. A partir dessa constatação, fizemos uma pequena pesquisa bibliográfica entre o final de 2012 e o início de 2013 para averiguar o fato<sup>12</sup>.

No que diz respeito aos estudos rurais, demos ênfase à análise dos artigos publicados nos principais periódicos nacionais sobre o assunto (Revistas de *Economia e Sociologia Rural*, *Estudos Sociedade e Agricultura*, *IdeAs*, *Ruris* e *Raízes*), já que Ferreira (2006) havia dado conta, nos primeiros capítulos de sua dissertação, dos livros publicados no Brasil sobre a realidade rural ao longo do século XX.

Quanto aos periódicos mais direcionados para a divulgação dos estudos de gênero e sexualidade, foram consultados *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, *Cadernos Pagu*, *Boletim Sexualidade, Gênero e Sociedade*, *Revistas Bagoas Sexualidad, Salud y Sociedad e Estudios Feministas*. Aqui, procuramos os artigos ou dossiês que tratassem da sexualidade do camponês e/ou as experiências e práticas sexuais no mundo rural.

Ao privilegiar aqui os estudos rurais e os estudos de gênero e sexualidade no âmbito das Ciências Sociais brasileiras, temos consciência de que alguns periódicos publicados em particular por Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais ou Sociologia e/ou Antropologia poderiam conter artigos sobre as temáticas que nos interessam e teriam sido deixados de lado em nossa análise. Poderíamos ainda ter analisado as comunicações/*papers* apresentados nos principais eventos científicos que tratam de temáticas brasileiras, Enfim, poderíamos ter analisado as dissertações e teses apresentadas aos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Sociologia e/ou Antropologia na última década e, até mesmo,

---

<sup>12</sup> Essa pesquisa bibliográfica fez parte das atividades por nós desenvolvidas durante o estágio de pós-doutorado, realizado entre outubro de 2012 e fevereiro de 2013 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sob a supervisão da Profa. Eli de Fátima Napoleão de Lima, no âmbito do Procad firmado entre o CPDA/UFRRJ e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAArq) da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

os anais de seminários e congressos em que são apresentados os trabalhos de pesquisa de iniciação científica. Enfim, tivemos a curiosidade ainda de analisar, em seguida, alguns compêndios de “estado da arte” e histórias das Ciências Sociais brasileiras, do pensamento social no Brasil e dos estudos de gênero e sexualidade no País e, aqui também, confirmou-se a ausência de referência à sexualidade no mundo rural<sup>13</sup>.

Por um lado, no que diz respeito aos estudos rurais, parece que a maior parte dos artigos e textos analisados estão ora voltados para a organização social vinculada aos aspectos econômicos da vida no campo, ora voltados para as questões morais relativas à família e aos arranjos familiares camponeses. O gênero aparece quase sempre na forma da mulher trabalhadora e/ou militante ou dos papéis familiares. Por outro lado, no que diz respeito aos estudos de gênero e sexualidade, quando há articulação com a ruralidade, nota-se um grande número de artigos e textos que abordam, num primeiro momento, a *condição da mulher camponesa* (reprodutora e eventualmente produtora), às vezes vinculada aos movimentos sociais no campo, e/ou, em seguida, as relações de poder que permeiam as relações de gênero e as transformações dessas relações no mundo rural contemporâneo. A sexualidade (a)parece relegada à vida urbana: o tal “indizível das sociedades camponesas” (FERREIRA, 2006).

Nos estudos rurais, a invisibilização do *outro* no que diz respeito às práticas sexuais e às construções identitárias ligadas a essas práticas parece concernir também à criança e até mesmo, em menor grau, ao negro, o que é confirmado, não somente pelo trabalho de Ferreira (2006, 2008) e Nascimento (2006, 2012), como apontamos acima, mas também pelo textos de Maria Isabel Ferraz Pereira Leite (1996) e, mais recentemente, de Jairo Barduni Filho, Ana Louise de Carvalho Fiúza, Erika Oliveira Amorim e Adriana Maria da Silva Costa (2010).

A sexualidade e, mais particularmente, a diversidade sexual e de gênero e as práticas sexuais que podem se tornar marcadores sociais da diferença nas pesquisas sobre o mundo rural não foram transformadas em objetos de estudo *per se* por diversas razões, não necessariamente por uma suposta incapacidade dos pesquisadores em perceber sua importância para a compreensão das relações sociais marcadas pelas ruralidades. Embora historicamente as Ciências Humanas e, em particular, as Ciências Sociais, venham deixando de lado esses aspectos da vida social no campo problematizados aqui, percebe-se que, também

<sup>13</sup> Foi assim em Sérgio Miceli (1999a, 1999b, 1999c, 2002), Otavio Ianni (2004), Mirian Grossi e Elisete Schwade (2006), Helgio Trindade (2007), Luiz Fernando Dias Duarte e Carlos Benedito Martins (2010) e Heloísa Helena de Souza Martins e Carlos Benedito de Souza Martins (2010). Ressaltemos ainda que os excelentes capítulos de autoria de Maria Luiza Heilborn e Bila Sorj, por um lado e, por outro, Maria Filomena Gregori, em Sérgio Miceli (1999b) e o capítulo de autoria de Miriam Grossi em Duarte e Martins (2010), assim como o esclarecedor artigo de Sérgio Carrara e Júlio Simões (2007), nada trazem sobre a sexualidade no mundo rural, embora entre as linhas apontem a necessidade de se pesquisar aquilo que aparentemente não vem sendo pesquisado.

historicamente, outros campos de produção de saberes e conhecimentos, como a literatura brasileira consagrada ou as artes plásticas celebradas, estão repletos de referências (muitas vezes explícitas) à sexualidade do camponês ou do homem que vive no campo. Para citar somente um caso emblemático da literatura brasileira, pensemos na relação dos personagens Diadorim e Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas*, de 1956, de autoria de Guimarães Rosa. E, nas artes plásticas, não passa despercebida a sensualidade e a sexualidade de alguns personagens rurais de Cândido Portinari ou até mesmo de Djanira. No entanto, é sabido que as Ciências Humanas se construíram, *enquanto* ciências como únicas provedoras de verdades sobre o mundo, por oposição à literatura, relegada ao campo da ficção e, eventualmente, da produção de informação despreocupada com a “realidade”, como já era apontado pela crítica pós-moderna (CLIFFORD, 1998; CLIFFORD & MARCUS, 2010). Coube às ciências, assim, a instituição do que seria *bon à penser*. E, à literatura e às artes plásticas, o *resto*, a saber a sexualidade no mundo rural, dentre outros temas.

Enquanto isso, os sujeitos que encontramos no interior do Piauí – como Vanessa, em seu assentamento rural privado, ou os irmãos Fabrício e Daniel, num quilombo, ou Kátia Tapety, a célebre travesti camponesa e personalidade política, ou Joel, a travesti líder quilombola no Centro do Piauí, dentre outros e outras – não nos apresentam suas trajetórias de vida conforme àquelas que encontramos nos livros de histórias sobre eles, sobre seus territórios, sua economia, sua organização social e suas relações de parentesco, sua mobilização política, sua moralidade, sua religiosidade, seus ritos e mitos... em que nunca são levados em conta seus corpos *desejantes* e *desejados* ou seus “afectos mal-ditos” (FERREIRA, 2006).

## REFERÊNCIAS

BARDUNI FILHO, J.; FIÚZA, A. L. de C.; AMORIM, E. O.; COSTA, A. M. da S. “A Transformação das Relações Afetivas no Meio Rural: breves anotações das relações *oficiosas*, e *oficiais* na perspectiva de gênero”. VIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA RURAL (ALASRU). In: *Anais...* Porto de Galinhas: 2010, pp. não informadas - disponível em:

[http://www.gerar.ufv.br/publicacoes/A\\_TRANSFORMACAO\\_DAS\\_RELACOES\\_%20AFETIVAS\\_NO\\_MEIO\\_RURAL\\_BREVES\\_ANOTACOES\\_DAS\\_RELACOES\\_OFICIOSAS\\_E\\_OF.pdf](http://www.gerar.ufv.br/publicacoes/A_TRANSFORMACAO_DAS_RELACOES_%20AFETIVAS_NO_MEIO_RURAL_BREVES_ANOTACOES_DAS_RELACOES_OFICIOSAS_E_OF.pdf)

BRUNT, D. *Mastering the Struggle: gender, actors and agrarian change in a mexican ejido*. Amsterdam: CEDLA, 1992.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, M. J. “‘Rural’ como Categoria de Pensamento”. *Ruris*, v. 2, n. 1, 2008, p. 9-38.

CARRARA, S.; SIMÕES, J. “Sexualidade, Cultura e Política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. *Cadernos Pagu* 2007, n. 28, p. 65-99.

*Ciências Sociais Hoje – Anuário de Antropologia, Política e Sociologia*, publicado pela Anpocs/Cortez (de 1984 a 1991, publicação irregular).

CLIFFORD, J. *A Experiência Etnográfica*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. (orgs.). *Writing Culture – 25th Anniversary Edition*. Berkeley: University of California Press, 2010.

DUARTE, L. F. D.; MARTINS, C. B. (orgs.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia*. São Paulo: Instituto Ciência Hoje / Ed. Barcarolla / Discurso Editorial, 2010

FERREIRA, P. R. *Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sociedades camponesas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília.

\_\_\_\_\_. “O Texto Brasileiro sobre o Rural”. *Ruris*, v. 2, n. 1, 2008, p. 129-153.

\_\_\_\_\_. *Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sociedades camponesas*. São Paulo: Anpocs/Hucitec, 2008.

GROSSI, M.; SCHWADE, E. (orgs.). *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Blumenau: Nova Letra, 2006

KEARNEY, M. *Reconceptualizing the Peasantry; Anthropology in Global Perspective*. Boulder: Westview Press, 1996.

HEILBORN, M. L. (org.). *Sexualidades: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

IANNI, O. *Pensamento Social no Brasil*. São Paulo: Edusc/Anpocs, 2004.

JAGOSE, A. *Queer Theory – an introduction*. Nova York: New York University Press, 1996

MARTINS, H. H. de S.; MARTINS, C. B. (orgs.). *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Sociologia*. São Paulo: Instituto Ciência Hoje / Ed. Barcarolla / Discurso Editorial, 2010

MICELI, S. (org.). *O Que Ler na Ciência Social Brasileira. 1970-2002. Vol. IV*. São Paulo: Sumaré/Anpocs, Brasília: Capes, 2002

MICELI, S. (org.). *O Que Ler na Ciência Social Brasileira. 1970-1995. Vol. I – Antropologia*. São Paulo: Sumaré/Anpocs, Brasília: Capes, 1999a

MICELI, S. (org.). *O Que Ler na Ciência Social Brasileira. 1970-1995. Vol. II – Sociologia*. São Paulo: Sumaré/Anpocs, Brasília: Capes, 1999b

MICELI, S. (org.). *O Que Ler na Ciência Social Brasileira. 1970-1995. Vol. III – Ciência Política*. São Paulo: Sumaré/Anpocs, Brasília: Capes, 1999c

MIRELLA, L. *Localidade ou Metrópole? Demonstrando a capacidade de atuação política das travestis no mundo-comunidade*. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 241 fls.

MISKOLCI, R. “A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização”. *Sociologias*, 11, 21, 2009, p. 150-182



NASCIMENTO, S. de S. *Faculdades Femininas e Saberes Rurais. Uma Etnografia sobre Gênero e Sociabilidade no Interior de Goiás*. 2006. Tese (Doutorado em Ciência Social – Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. “Homem com Homem, Mulher com Mulher: paródias sertanejas no interior de Goiás”. *Cadernos Pagu*, n. 39, 2012, p. 367-402.

OLIVEIRA, J. K. da S. *Fazenda Santa Clara: encontros e desencontros entre camponeses/parceiros e a Brasil Ecodiesel em um assentamento rural privado no sul do Piauí*. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

PEREIRA, M. I. F. “Crianças no Campo: os mudos da história?” *Revista Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 6, 1996, p. 170-191.

RICH, A. “Compulsory Heterosexuality and Lesbian Experience”. In: Snitow, Anne, Stansel, C., Thompson, Sharon. (orgs.). *Powers of Desire – The Politics of Sexuality*. Nova York: Monthly Review Press, 1983, p. 177-205

ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L. (orgs.). *A Mulher, a Cultura e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

SCOTT, J. “Gênero : uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99

SILVA, M. E. S. da. *Etnografia da Terra Prometida: trajetórias sociais, conflitos e cotidiano dos/as camponeses/as parceiros/as da Brasil EcoDiesel – O caso da Fazenda Santa Clara, no Piauí*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

TRINDADE, H. (org.). *As Ciências Sociais na América Latina em Perspectiva Comparada: 1930-2005*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2007

VANCE, C. “A Antropologia Redescobre a Sexualidade”. *Physis*, v. 5, n.1, 1995, p.7-31

VELHO, G. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. 5Rio de Janeiro: Zahar, 1985

WOORTMANN, E. *Herdeiros, Parentes e Compadres*. São Paulo: Hucitec, 1995.

WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. “Fuga a Três Vozes”. *Anuário Antropológico*. v. 91, 1993, p. 89-137